

Senegaleses Baye Fall em diáspora mouride

Resumo: Este conjunto de imagens é parte de projeto de pesquisa intitulado *Migrações africanas: um estudo sobre senegaleses muçulmanos e o simbolismo da confraria mouride* e consiste em registro etnográfico produzido em diferentes períodos de 2015 a 2020 nas regiões de São Paulo, oeste do Paraná e na cidade de Salvador-BA. A proposta do ensaio fotográfico permite repensar os espaços performáticos religiosos de homens e de mulheres mourides em diáspora, a partir de diferentes dispersões estéticas e de poéticas traduzidas em experiências históricas, memórias e repertórios culturais da negritude como chave analítica de processos dinâmicos e deslocamentos transculturais criativos, gerados pelos próprios sujeitos em ato.

Palavras-chave: Mouride, Diáspora, Baye Fall, Senegal.

Senegalese Baye Fall in diaspora mouride

Abstract: This set of images is part of a research project entitled *African migrations: a study on Senegalese Muslims and the symbolism of the Mouride brotherhood* and consists of an ethnographic record produced in different periods from 2015 to 2020 in the regions of São Paulo, western Paraná and in the city from Salvador-BA. The proposal of the photographic essay allows rethinking religious performative spaces of Moorish men and women in diaspora, from different aesthetic and poetic dispersions translated into historical experiences, memories and cultural repertoires of blackness as an analytical key to dynamic processes and creative transcultural displacements, generated by the subjects themselves in action.

Key words: Mouride, Diaspora, Baye Fall, Senegal.

1 - Fanny Longa Romero. Antropóloga. Professora adjunta do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade Internacional de Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês. E-mail: flongaromero@unilab.edu.br.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2750-6119>.
C. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5574272969190664>.

Este conjunto de imagens é parte de projeto de pesquisa intitulado *Migrações africanas: um estudo sobre senegaleses muçulmanos e o simbolismo da confraria mouride* e consiste em registro etnográfico produzido em diferentes períodos de 2015 a 2020 nas regiões de São Paulo, oeste do Paraná e na cidade de Salvador-BA.

A confraria religiosa mouride foi fundada em 1883 pelo marabu Cheikh Ahmadou Bamba Mbacké no Senegal, em finais do século XIX. O Cheikh foi um importante marabu (líder religioso) senegalês, filósofo e teólogo sufi, da etnia wolof. Nasceu em 1853, na cidade de Mbacké-Baol e morreu em 19 de julho de 1927, em Diourbel, região do seu país natal. Sua relevância simbólica e política na diáspora contemporânea de senegaleses mourides vai além do seu esforço ascético de fundar a irmandade Mouridiyya, em 1883.

A Mouridiyya destaca-se pelas suas reivindicações sociais por direitos de justiça e melhoria de vida dos setores camponeses da cultura agrícola de amendoim. A importância do Cheikh Ahmadou Bamba radica, principalmente, nas suas ações de enfrentar, a partir de uma ética de não violência, as frentes coloniais francesas, no período da colonização europeia na África do Oeste. Tal processo envolve a expansão e defesa da doutrina islâmica na África Ocidental. No Senegal da metade do século XIX, assim como na realidade contemporânea dos mourides, fora e dentro do país, o Cheikh Bamba é considerado um guia religioso, um homem santo que tem *baraka*-poder simbólico (GEERTZ, 2004). Suas ações envolvem a criação da cidade de Touba, em 1887, que é considerada a cidade sagrada dos mourides e da sua peregrinação diaspórica, no Senegal e no mundo relacional globalizado.

As práticas rituais mourides atendem a um sistema de hierarquização, não coercitivo, entre *marabout* e *talibé* (seguidor), que se configura inicialmente no espaço da *daara* (escola de ensino religioso). O Cheikh Ahmadou Bamba e o talibé Yapsa Khanth Fall, posteriormente chamado Cheikh Ibrahima Fall (1855–1930), teriam tido uma relação orientada pela obediência que estabelece um contrato social e intersubjetivo entre guia e seguidor. O talibé Yapsa Khanth Fall assumiu a conotação de *Diebelou* [em idioma wolof, aquele que cumpre e rende devoção aos desígnios do seu mestre ou *marabout*] e foi elevado à categoria de Cheikh Ibrahima Fall.

A proposta deste ensaio fotográfico permite repensar os espaços religiosos de mourides em diáspora em diferentes dispersões de estéticas e de poéticas traduzidas em experiências históricas, memórias e repertórios culturais da negritude como chave analítica de processos dinâmicos e deslocamentos transculturais criativos, gerados pelos próprios sujeitos em ato.

Alguns dos elementos estéticos que distinguem a alteridade mouride baye fall com-

preendem roupas coloridas de tecidos em retalhos [*Ndiakgase*, em wolof], uma vestimenta muito similar ao patchwork, calças no estilo saruel com túnicas largas, muitos deles usam cabelos dreadlock que os assemelham aos adeptos do rastafarismo, o terço islâmico [*kruz*, em wolof; *masbaha*, em árabe], um enorme e pesado cinto de couro prende suas cinturas, pulseiras e grandes colares de couro, em formato de circunferência, pingentes com fotos dos seus líderes religiosos que representam amuletos e que rodeiam seus pescoços. Essa ala de adeptos da confraria mouride é formada por mulheres e homens, de diferentes idades e regiões derivadas do Senegal, mas são os homens que executam os rituais nas performances.

O servilismo é uma das características principais dos baye fall, em especial, quando esses sujeitos fazem parte de eventos e diferentes comemorações religiosas, públicas ou não. São eles os que servem o café e os alimentos, limpam os espaços, recolhem objetos espalhados, além de desempenhar outras tarefas que lhes são orientadas. Por outro lado, alguns mourides baye fall entendem que, devido ao entendimento de sua missão de servir e de ajudar o próximo, em todas as situações, se eximem de cumprir certas obrigações próprias da tradição islâmica como, por exemplo, a observância da obrigação do jejum muçulmano, o ramadã.

Nos rituais baye fall, fortes gritos, emoções exaltadas, sentimentos intensos, transe, dança, efervescência coletiva são aspectos que traduzem parte das emoções vividas de senegaleses mourides, da linha baye fall (ROMERO, 2021). Essa identidade mouride se caracteriza pelos fortes laços religiosos que mantém com o Cheikh Ahmadou Bamba Mbacké e, especialmente, pela extrema devoção professada ao *baraka* do Cheikh Ibrahima Fall (1855–1930), marabu que orienta a ética e estética baye fall, na diáspora contemporânea da confraria religiosa.

O canto em árabe, a viva voz, da *Shahada* — *La illala illahllah* [Não há outra divindade que Alá e Maomé é seu profeta] se entende, no contexto ritual kourel baye fall, como a poética devocional que guia a prática desses sujeitos (ROMERO, 2017a). Mas, os baye fall contêm também nos seus repertórios acústicos versos de louvor, ou devocionais, chamados *Maada*, que são cantados em wolof por uma única pessoa (ROSSA, 2017), seja em participações espontâneas de eventos públicos, seja no espaço interno das dahiras (ROMERO, 2017).

Se pensarmos que as fotos “traçam rotas de referência e servem como totens de causas: um sentimento tem mais chance de se cristalizar em torno de uma foto do que um lema verbal” (SONTAG, 2003, p. 72) é possível, então, afirmar que as fotos sempre “nos perseguem” (SONTAG, op.cit., p. 76) e nos permitem reconciliar-nos com quadros de memória e reinventar, no caso da diáspora senegalesa mouride, repertórios culturais híbridos de referência estética e política negra.

A partir de pesquisa etnográfica, é possível pensar a experiência servil dos baye fall como parte de determinados processos históricos e sociais que apontam para o desenvolvimento dinâmico de uma “ortoprática” (GASBARRO, 2016), isto é, uma perspectiva situacional que privilegia nas interações sociais. Estamos diante de significar a noção de negritude a partir de uma recusa ao binário imposto pelo idioma étnico-nacional. Nesse sentido, podemos afirmar que o legado de ensinamentos, éticos e estéticos do Cheikh Ibrahima Fall atende aos processos sociais da produção de uma ortoprática em situações específicas de interação social.

Referências

GASBARRO, Nicola. Missões: a Civilização Cristã em ação. In: MONTERO, Paula (Org.). Deus na Aldeia — missionários, Índios e mediação cultural. Globo, 2006, p. 79–101.

GEERTZ, C. Observando o islã. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

ROMERO, Fanny Longa. Islã, parentesco e ritual na irmandade religiosa Mouridiyya: percursos da etnografia no contexto da imigração de africanos senegaleses no Brasil. In: TEDESCO, João C.; KLEIDERMACHER, Gisele (Orgs.). A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares. Porto Alegre: EST Edições, 2017. p. 275–296.

ROMERO, Fanny Longa. Rituais de devoção, transe e conflito: o mundo relacional da diáspora mouride na cidade de São Paulo. Revista da ABPN. vol. 13, n. 36. Mar-maio, 2021, p. 284–311.

SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.









